

MEMÓRIA E HISTÓRIA: O IHGB E O ARQUIVO PESSOAL DO GENERAL OSÓRIO

MEMORY AND HISTORY: THE IHGB AND THE PERSONAL ARCHIVE OF GENERAL
OSÓRIO

GUILHERME DE MATTOS GRÜNDLING¹

Resumo

O artigo analisa a trajetória de formação, preservação e incorporação do arquivo pessoal de Manoel Luís Osório ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), problematizando os processos de construção da memória histórica associados ao personagem, a partir desse fundo documental. Desde sua fundação, o IHGB desempenha papel central na constituição de coleções documentais voltadas à preservação do passado nacional. O denominado “Arquivo General Osório”, composto por correspondências oficiais e pessoais, requerimentos, listas nominativas e documentos administrativos, constitui importante conjunto de fontes para o estudo das dinâmicas políticas, militares e sociais do Brasil Império. O texto examina, em particular, o processo de doação do acervo ao IHGB, ocorrido nas primeiras décadas do século XX, destacando o papel desempenhado pela família Osório na seleção, organização e mediação dos documentos antes de sua transferência institucional. A análise evidencia como filhos e netos do general participaram ativamente da construção de uma memória pública sobre sua trajetória. Assim, a constituição desse fundo documental não se restringe a um processo técnico de preservação, mas envolve disputas de memória, práticas de seleção documental e iniciativas de legitimação

Abstract

This article examines the formation, preservation, and institutional incorporation of the personal archive of Manoel Luís Osório into the collection of the Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), analyzing the processes of historical memory construction associated with this documentary fund. Since its foundation, the IHGB has played a central role in the establishment of documentary collections dedicated to preserving the Brazilian national past. Within this context, the so-called “General Osório Archive,” composed of official and private correspondence, petitions, nominal lists, and administrative documents, represents an important body of sources for studying the political, military, and social dynamics of the Brazilian Empire. The article focuses particularly on the process through which this collection was donated to the IHGB in the early twentieth century, highlighting the role played by the Osório’s family in selecting, organizing, and mediating the documents prior to their institutional transfer. The analysis demonstrates how the general’s children and grandchildren actively participated in shaping a public memory of his trajectory. In this sense, the constitution of this documentary fund cannot be understood merely as a technical process of preservation; rather, it involved memory

¹ Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ, 2024), Bolsista CAPES. Integrante do Núcleo de Estudos da Política e História Social, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Possui Mestrado em História também no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ, 2019), Bolsista CAPES. Graduado em História pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, 2015). Trabalha com temáticas relativas à formação do Estado nacional e das forças militares, elites provinciais, biografias e trajetórias, recrutamento e fronteiras do Império do Brasil no século XIX. E-mail: demattosgrundling@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8972-6470>.

simbólica que contribuíram para consolidar a imagem de Osório como herói militar e personagem central da narrativa histórica nacional.

A partir do exame da correspondência institucional, dos registros da doação e da organização posterior do acervo, o artigo discute as relações entre memória, arquivo e historiografia, evidenciando como arquivos pessoais podem ser compreendidos como construções históricas que articulam interesses familiares, institucionais e políticos na produção do passado.

Palavras-Chave: Memória; Arquivo Pessoal; Brasil Império

disputes, practices of documentary selection, and symbolic strategies of legitimation that contributed to consolidating Osório's image as a military hero and a central figure in the national historical narrative.

Based on the examination of institutional correspondence, donation records, and the subsequent archival organization of the collection, the article discusses the relationships between memory, archives, and historiography, showing how personal archives can be understood as historical constructions shaped by familial, institutional, and political interests in the production of the past.

Keywords: *Memorie; Personal Archive; Brazilian Empire*

Introdução

O presente artigo analisa o processo de doação do arquivo pessoal de Manoel Luís Osório ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), enfatizando os processos de construção da memória histórica associados a esse fundo documental. Antes de aprofundar na temática central do texto, porém, é preciso constatar que, desde sua fundação, em 1838, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro exerce um papel fundamental na preservação da memória nacional.

Os documentos de Manoel Luís Osório (1808-1879) fazem parte do acervo do IHGB há mais de 100 anos. A documentação do Arquivo General Osório – ofícios, requerimentos, correspondência oficial, listas nominativas – propicia o estudo dos processos políticos e militares do Brasil Império (1822-1889), período marcado por intensas mudanças sociais e econômicas que acompanharam a construção do Estado nacional brasileiro. Através de correspondências pessoais e familiares desse fundo documental, é possível também trabalhar as dinâmicas de sociabilidade, assim como os relacionamentos tecidos por Manoel Luís Osório com amigos, familiares, parceiros de farda e correligionários políticos. O acervo possibilita tratar de abordagens e temáticas diversas sobre a história do cotidiano e de instituições em formação, como por exemplo o Exército.

Neste texto, procurei definir como e quando ocorreu a incorporação do Arquivo Pessoal do general Osório ao acervo do IHGB; a seleção documental realizada por sua família; a memória histórica idealizada durante o processo de formação e de produção do acervo. Por meio de projetos biográficos e memorialistas, vale destacar que a trajetória de Manoel Luís Osório foi central na instrumentalização de identidades políticas e na construção de discursos sobre o passado nacional.²

Meu interesse na trajetória de Manoel Luís Osório surgiu a partir de pesquisa, realizada ainda durante a graduação em História, em projetos que tinham como foco a atuação de oficiais militares no cenário político do Rio Grande do Sul.³ A ideia residia na avaliação da participação desses homens de farda dentro da elite política rio-grandense. Procurando pistas

² ENDERS, Armelle. “O Plutarco brasileiro”: a produção de vultos nacionais no Segundo Reinado. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 25, 2000.

³ Projetos de Pesquisa coordenado pelo Prof. Dr. André A. Fertig, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), intitulados: *Sociedade, Cultura e Política na História do Brasil - séculos XIX e XX* e *A Província de São Pedro do Rio Grande do Sul e o Império do Brasil: história política e militar*.

de suas atuações, diga-se, nos bastidores dos processos políticos, foi possível perceber que, nas eleições locais, após o Revolta Farroupilha (1835-1845), Manoel Luís Osório exerceu grande influência sob seus camaradas do Exército. Por conseguinte, percebi que sua trajetória nas forças militares, apesar de muito publicizada, havia sido pouco problematizada pela historiografia acadêmica.

Mesmo que existam trabalhos sobre a sua atuação nos campos de batalha e sobre a sua inserção em redes políticas da Corte, no Rio de Janeiro, o caminho que Osório percorreu até acessar esses círculos sociais de maior prestígio, que somente ocorreu na segunda metade do século XIX, ainda segue pouco compreendido. Vale destacar que a ascensão política de Manoel Luís Osório no século XIX foi consequência também de sua atuação bem-sucedida na esfera militar. Por essa razão, durante o doutorado⁴, direcionei minha análise para entender esse processo de construção de sua carreira no mundo da guerra, sem descuidar de aspectos políticos e de seus relacionamentos pessoais. Diante desse cenário, para acompanhar a trajetória de Manoel Luís Osório, procurei analisar um corpus documental variado, que permitiu reconstruir, dentro de um certo limite, os “passos do biografado”, assim, acessando “o máximo possível de fontes” que foram “sistematicamente confrontadas”. Essa análise permitiu visualizar o indivíduo em diferentes contextos, em especial, em situações objetivas, “em que o sujeito efetivamente participa, que o envolvem, condicionando suas escolhas e nelas interferindo”.⁵

Nessa pesquisa, a documentação à qual recorri de forma mais sistemática compõe o fundo documental doado pela família Osório ao IHGB. Assim como qualquer arquivo pessoal, o do general Osório foi criado com a intenção de não perder autonomia sobre a sua memória. Como será retomado ao longo do texto, esse controle da memória foi um elemento nodal durante o processo de doação de seu acervo pessoal ao IHGB.

O IHGB, assim como o Arquivo Nacional, criado no mesmo ano, foram instituições inspiradas no modelo europeu e projetadas para preservar o patrimônio documental e a memória do Estado Nacional brasileiro. Essas entidades armazenam, organizam e zelam por vários conjuntos documentais, produzidas em várias instituições e/ou setores da sociedade.

⁴ Doutorado realizado sob orientação da Prof. Dr^a. Adriana Barreto de Souza, no Programa de Pós-Graduação em História da UFRJ.

⁵ KARSBURG, Alexandre. A micro-história e o método da microanálise na construção de trajetórias. In: KARSBURG, A.; WEBER, B.; FARINATTI, L. A. (Orgs.). *Micro-história, trajetórias e imigração*. [Ebook], São Leopoldo: Oikos, 2015, p.34.

Nesse aspecto, já há algum tempo, os arquivos pessoais são utilizados como fonte de informação. Se os arquivos institucionais armazenam dados oficiais, definidos por certas normativas, as séries pessoais, em contrapartida, seguem modelos de preservação e de organização, muitas vezes, marcadas pela livre escolha de seu produtor. É claro que, depois de incorporadas aos acervos institucionais, a documentação é reconhecida pelo arquivo, recorrendo “à teoria arquivística”. Essa, por sua vez, foi estabelecida por padrão institucional, “observando-se a lógica de acumulação, bem como a produção em séries de documentos em decorrência das funções e atividades”.⁶

Atualmente, o arquivo do general Osório está dividido em onze séries documentais. A série que reúne maior número de documentos, denominada “Fernando Osório”, faz referência ao filho mais velho do general Osório, que, durante os anos finais da vida do pai, entre 1877-1879, passou a acompanhá-lo em compromissos políticos e em atividades desempenhadas pelo pai, no Senado Federal e no Ministério da Guerra. Fernando Luís foi seu ajudante de gabinete e, alguns anos depois da morte do pai, escreveu o primeiro livro biográfico de Manoel Luís Osório, publicado em 1894.⁷ Essa publicação projetou o nome de Fernando Luís ao cenário intelectual e político da época, rendendo inclusive uma vaga de sócio no IHGB.⁸

O arquivo general Osório foi organizado pela equipe do IHGB em séries documentais, obedecendo os critérios da tipologia documental. Além da já mencionada série “Fernando Osório, as demais são: “correspondência oficial”, “diversos”, “documentos de terceiros”, “documentos oficiais”, “documentos pessoais”, “homenagem”, “impressos”, “ministério da Guerra-Exército”, “núcleo familiar” e “produção intelectual”. Antes de ser doado ao instituto, vale destacar, o arquivo não possuía essa configuração estabelecida pelo setor arquivístico, provavelmente seguindo outro tipo de organização.⁹

Os arquivos pessoais, armazenados em instituições públicas ou privadas, reúnem documentos que dependem da manipulação e da seleção técnica de profissionais arquivistas. Esse processo, que vai da entrada da documentação no arquivo até a liberação dos

⁶ SILVA, Cristina Soares de Mello. *Os arquivos pessoais como fonte – reconhecendo os tipos documentais*. Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 2013, p.180.

⁷ OSÓRIO, Fernando Luís. *História do General Osório*. Rio de Janeiro: Tipografia de G. Leuzinger & Filhos, 1º volume, 1894.

⁸ Gründling, Guilherme de Mattos. *Guerra, Política e Relações de Poder: a trajetória de Manoel Luís Osório*. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2024.

⁹ Ver edições da RIHGB, sobretudo, a partir dos anos 2000.

documentos a serem acessados por historiadores e/ou interessados, também demandam certos cuidados. Considerar esses elementos são essenciais para não cair na falsa ilusão de que os conjuntos documentais são neutros de sentido e de intencionalidade. Ao contrário, esse processo é carregado de camadas de intertextualidade, alteridade e seletividade. Por esta razão, é tão necessário investigar e explicitar os caminhos feitos por tais documentações até serem preservados e disponibilizados ao público.¹⁰

Sobre o processo de doação do arquivo general Osório, tratado ao longo do texto, é preciso considerar que somente ocorreu após o lançamento do segundo volume biográfico sobre Manoel Luís Osório, planejado pelo filho Fernando Luís e, devido a sua morte, concluído por seus filhos, netos do biografado, Luís Joaquim Osório e Fernando Luís Osório Filho.¹¹ Portanto, a família Osório exerceu papel fundamental na consolidação de uma imagem “positiva” do general, destacando-o como elemento-chave para a compreensão da “história nacional”.¹²

A memória de Manoel Luís Osório foi instituída como a de um “herói nacional”, e, a sua trajetória, “emoldurada” como um símbolo do Exército brasileiro. A reprodução de certos marcos estruturais da história de vida do general Osório, selecionados e instituídos no passado, cuidadosamente selecionados e redigidos por sua família, indicam o quão efetiva foi a criação dessa memória. Tanto que, ainda hoje, mesmo tanto tempo depois, sua trajetória segue inspirando setores das forças militares e da sociedade civil.¹³

Sendo assim, ao analisar o processo de formação, seleção e incorporação do Arquivo General Osório ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, este artigo busca compreender de que maneira a preservação documental participou da construção e da consolidação da memória pública de Manoel Luís Osório na historiografia brasileira.

Entre memórias e esquecimentos: o IHGB e as biografias do general Osório

¹⁰ SILVA, Cristina Soares de Mello. *Os arquivos pessoais como fonte – reconhecendo os tipos documentais*. Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 2013, p.181-183.

¹¹ OSÓRIO, Fernando Luís. *História do General Osório*. Rio de Janeiro: Tipografia de G. Leuzinger & Filhos, 1º volume, 1894; OSÓRIO, Luís Joaquim e OSÓRIO, Fernando Luís. *História do General Osório*. Pelotas: Tipografia do Diário Popular, 2º volume., 1915.

¹² CASTRO, Celso. *A invenção do Exército brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

¹³ Dois nítidos exemplos de como a memória de Manoel Luís Osório segue sendo importante, podem ser vistos em: LANDGRAF, Saulo Freire. Princípios Kantianos da liderança de Osório, um tarimbeiro por excelência. *Revista Científica Fundação Osório*, v.4(1), 2019; Inclusão de Manoel Luís Osório dentre os *Heróis no Panteão da Pátria*, através da “Lei nº 11.680, de 27 maio de 2008 (Projeto de Lei nº 1.140/2007, de autoria do deputado Bonifácio de Andrada – PSDB/MG)”.

Manoel Luís Osório nasceu em 10 de maio de 1808, na Freguesia de Conceição do Arroio, no Rio Grande do Sul. Foi o quarto filho do tenente-coronel Manoel Luiz da Silva Borges¹⁴ e de Dona Anna Joaquina Luísa Osório.¹⁵ A trajetória de Osório nas forças militares iniciou muito cedo, em 1823, pouco antes de completar 15 anos de idade, alistando-se nas tropas de 2ª linha, comandadas por seu pai, no contexto de mobilização militar na Província de Cisplatina durante a Independência do Brasil.

A partir de então, sempre esteve nos quadros das forças terrestres, participando de diversos conflitos armados, galgando patentes e postos militares de maior prestígio a partir da década de 1850, quando passou a integrar o grupo de oficiais gerais do Exército. A sua trajetória militar, no entanto, não foi nada linear. Questões de ordem política e de relacionamento com autoridades superiores, por um detalhe não o fizeram interromper sua dedicação às armas do Império. De todo modo, sua biografia está atrelada às forças militares brasileiras e sua atuação coincide com o processo de construção do Exército enquanto instituição. Por essa razão, o estudo de sua trajetória se torna um excelente fio-condutor para análises das relações sociais, militares e políticas durante o oitocentos.¹⁶

A trajetória de Manoel Luís Osório foi tema central de diversos projetos de memória, ao menos, desde o século XIX. A memória, em sua definição etimológica, pode ser interpretada como a capacidade de armazenar dados e informações. Essa palavra, que teve origem no grego “*mnemis*” e no latim “*memoria*”, também é entendida como a ação de recordar, conservar e memorar lembranças do passado.¹⁷

¹⁴ Manoel Luiz nasceu em Santa Catarina, em 6 de março de 1777, onde recebeu o sobrenome de sua família, Silveira. Mais tarde, quando exercia o posto de tenente do Exército de 1ª linha, por atritos com um superior, desertou e seguiu em direção ao Rio Grande do Sul, onde refez sua trajetória, adotando o sobrenome Silva Borges. Em 1825, foi condecorado com a Ordem Imperial do Cruzeiro. Ver: Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional –RJ – *Diário Fluminense (Império do Brasil)* – Edição de n.º 89, 15 de outubro de 1825, p.1-3. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=706744&Pesq=%22Silva%20Borges%22&pagfis_ =920
Acesso em: 21 de maio de 2022.

¹⁵ Anna Joaquina Luísa Osório nasceu em 1784, ao que tudo indica em Conceição do Arroio, Rio Grande do Sul. Filha do tenente de milícias e proprietário de terras Tomás José Luiz Osório e Rita Ignácia Pereira de Souza. Ver: Gründling, Guilherme de Mattos. *Guerra, Política e Relações de Poder: a trajetória de Manoel Luís Osório*. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2024, p.67-73.

¹⁶ Para entender os percalços da trajetória de Osório e a construção de sua carreira militar, ver: Gründling, Guilherme de Mattos. *Guerra, Política e Relações de Poder: a trajetória de Manoel Luís Osório*. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2024.

¹⁷ CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. Ed. Ática, São Paulo, 2000, p. 158. Disponível em: http://www.filosofia.art.br/download/Marilena_Chaui-Convite_a_Filosofia.pdf Acesso em: 15 de fevereiro de

Para o antropólogo Joël Candau, memória e identidade são conceitos indissociáveis. O acesso à memória, de acordo com o autor, é consequência da transmissão de um cabedal de lembranças e de esquecimentos. A memória manipula o social, assim como é socialmente manipulada, compondo sua identidade mais geral, sempre passível de mudanças em relação ao tempo.¹⁸ Assim, lembrar e esquecer, diferentemente do que parece, embora possuam sentidos opostos, são componentes essenciais de qualquer tentativa de acesso ao passado. Visto que, ao passo que a memória serve para neutralizar o esquecimento, produz a ação de lembrar daquilo que é necessário esquecer.¹⁹

Segundo Michel Pollak, o ato de memorizar é sempre marcado pela visão do presente,²⁰ forjado por estratégias identitárias atuantes no "complexo jogo da reprodução e da invenção, da restituição e da reconstrução, da fidelidade e da traição, da lembrança e do esquecimento".²¹ Para além das definições, o processo de elaboração de uma memória demanda o exercício de seletividade, escolha e renúncia. Essas etapas podem promover maior destaque a certos aspectos de um evento e/ou de uma vida, em detrimento de outros.²²

A imagem de Manoel Luís Osório foi emoldurada como um general do Exército. Os relatos de sua atuação nos campos de batalha foram decisivos para que seu nome fosse reproduzido em ruas, logradouros e praças públicas, assim como em pinturas, estátuas e biografias. Identificar a construção dessas "molduras heroicas", anexadas à memória desse indivíduo, assim como as instituições que fizeram parte desse processo também é tarefa do historiador. Ao tomar isso como experiência e exercício da história, pode-se recuperar as camadas de sentido histórico produzidas ao longo do tempo.²³

Nessa perspectiva, considero que o IHGB, ao se apropriar do acervo e por meio de sua revista, tornou-se protagonista da construção da imagem e da memória de Manoel Luís Osório. A revista do instituto publicou textos de síntese biográfica, assim como difundiu

2022.

¹⁸ CANDAU, Joël. *Identidade e memória*. São Paulo: Contexto, 2012, p.106-107.

¹⁹ RICOEUR, P. *A memória, a história e o esquecimento*. 8ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

²⁰ POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.º 3, p.3-15, 1989, p.8.

²¹ CANDAU, Joël. *Identidade e memória*. São Paulo: Contexto, 2012, p.106.

²² NEVES, M. S; LOBO, Y. L; MIGNOT, A. C. V. Cecília Meireles: *A Poética da Educação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Loyola, 2001, p. 9.

²³ A ideia de "herói-emoldurado" foi inspirada nas reflexões desenvolvidas por Leandro Vieira, autor do samba-enredo *História para ninar gente grande*, que lançou olhar sobre heróis pouco conhecidos da história do Brasil, "negros, indígenas e mulheres", em contraponto à "história oficial", que sempre deu maior atenção a figuras como, por exemplo, Manoel Luís Osório (marquês do Herval) e também Luís Alves de Lima e Silva, o duque de Caxias. Ver: VIEIRA, Leandro. *História para ninar gente grande*. Rio de Janeiro, 2018.

documentos associados – escritos ou endereçados – a Manoel Luís Osório. Dessa forma, contribuindo de forma decisiva para a difundir o conhecimento sobre o seu passado. Até porque, “um conjunto de documentos é preservado por seu valor de prova, fiscal ou legal, em um primeiro momento, e por outros valores que podem ser adquiridos e reconhecidos com o passar do tempo, tais como de testemunho histórico, científico, cultural, educativo etc”.²⁴

Em outubro de 1879, em razão da morte do general Osório (04.10.1879), o IHGB publicou o texto biográfico de autoria de Luís Francisco da Veiga, *Elogio histórico do general Manoel Luis Osório, marquês do Herval*.²⁵ Esse era o primeiro texto biográfico sobre o general Osório, publicado pelo IHGB. Na realidade, tratava-se de um verdadeiro necrológico oferecido em homenagem a um general do Exército, que se dedicou durante décadas aos serviços do Estado imperial. Como observou a historiadora Armelle Enders, esse tipo textual, os “necrológicos de notáveis”, “são facilmente reciclados em biografias de homens ilustres”. Memorizar os feitos dos “grandes homens” pátrios, que marcaram o passado nacional, tornou-se um “empreendimento de reconciliação das elites nacionais”.²⁶

Luís Francisco da Veiga, autor do texto biográfico publicado na RIHGB, era sócio do IHGB e argumentava que o general Osório também deveria ser aceito dentre os sócios do instituto. Segundo ele, o general era representante de uma “categoria” específica de “historiador”: dos que fizeram “a verdadeira história” nacional. Bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Recife, a forma de construção retórica adotada por Veiga tinha o objetivo ambíguo de diferenciar os indivíduos que redigiam a história, os “historiadores de pena”, daqueles que faziam de suas próprias ações “páginas admiráveis da história deste país”.²⁷ Com isso, o autor chamava atenção para a existência de dois tipos de historiadores no século XIX e revelava, em parte, uma concepção historiográfica própria àquela conjuntura histórica. Para ele, Osório era um “historiador” ou um “agente da história” que escrevia através de suas ações práticas no tempo. Desse modo, coube a ele fazer “a história do Brasil na condição de agente heroico dos acontecimentos”.²⁸

²⁴ SILVA, Cristina Soares de Mello. *Os arquivos pessoais como fonte – reconhecendo os tipos documentais*. Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 2013, p.180.

²⁵ VEIGA, Luis Francisco da. “Elogio histórico do general Manoel Luis Osorio, marquês do Herval, determinado por uma resolução do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”. *RIHGB*, Rio de Janeiro, T. 42, 1879.

²⁶ ENDERS, Armelle. “O Plutarco brasileiro”: a produção de vultos nacionais no Segundo Reinado. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 25, 2000, p.47.

²⁷ VEIGA, Luis Francisco da. “Elogio histórico do general Manoel Luis Osorio, marquês do Herval, determinado por uma resolução do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”. *RIHGB*, Rio de Janeiro, T.42, 1879, p. 264.

²⁸ OLIVEIRA, Maria Glória da. *Escrever vidas, narrar a história. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Tese de Doutorado em História Social, Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2009, p.171.

A inclusão de Manoel Luís Osório dentre os sócios do IHGB, proposta defendida pelo autor do texto biográfico, não obteve parecer favorável, pois foi intentada após a sua morte. Em parecer da comissão interna, foi alegado que “certas condições individuais, e certas formalidades” do próprio estatuto de sócios do IHGB, impediam a sua inclusão póstuma.²⁹

De qualquer forma, o objetivo de homenagear Manoel Luís Osório, pelos seus “feitos históricos”, seriam retomados pelos integrantes do IHGB no mês seguinte, em novembro de 1879, quando a revista decidiu publicar outro texto sobre a vida do “ilustre general”. O texto chamava-se *Notas históricas sobre o general Manuel Luís Osório, Marquês do Herval*, de autoria de Francisco Inácio Marcondes Homem de Mello. Também sócio do IHGB, era ele um velho conhecido de Osório, pois, quando Homem de Mello esteve no exercício da Presidência da Província do Rio Grande de São Pedro (1867-1868), atuou junto a Manoel Luís – então barão do Herval e comandante interino das Armas do Rio Grande do Sul – na organização do 3º Corpo do Exército, durante a Guerra da Tríplice Aliança (1865-1870). Em sua narrativa, representou a memória de Osório como um militar cuja vocação era natural, dedicado ao serviço militar e extremamente preocupado com os interesses da pátria.³⁰

Do ponto de vista da estrutura textual, Francisco Homem de Mello reproduziu o modelo do texto anterior, publicado por Veiga. As primeiras tentativas de edificar uma memória ao general Osório, escritas no período imperial, observaram no patriotismo um ponto comum em sua trajetória. Em outras palavras, Manoel Luís Osório foi feito de espelho à “pátria” e à “nação”, por meio dele foram valorizados êxitos, glórias e heroísmos de um passado ufanista da história nacional. A escrita de sua trajetória serviu para ilustrar a construção de um dos pilares de sustentação dos Estados Nacionais modernos, isto é, o Exército. No século XIX, a escrita da história se tornou um aspecto significativo para a consolidação simbólica do Estado.³¹

Como chamou a atenção Isabel Lustosa, essa historiografia – “a chamada história oficial” – promoveu tais considerações por razões próprias ou por exigência do Estado. Ainda no século XIX, buscaram criar uma agenda voltada para uma história brasileira que

²⁹ AZEVEDO, Manoel Duarte Moreira de. “Parecer da comissão de estatutos e redação da revista acerca da inclusão do marquês do Herval, depois de falecido, entre os sócios do IHGB”. *RIHGB*, Rio de Janeiro, T. 42, 1879, p.275-276.

³⁰ MELO, Francisco Inácio Marcondes Homem de. “Notas históricas sobre o general Manuel Luís Osório, Marquês do Herval”. *RIHGB*, Rio de Janeiro, T. 64, v. 104, p. 87-89, 1901.

³¹ CASTRO, Celso. *A invenção do Exército brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

valorizasse os “vultos pátrios”.³² Esses traços, de certo modo, mantiveram-se em outras representações biográficas subsequentes. A imagem do general Osório representado nesses textos biográficos, enaltecia e valorizava o seu comportamento nas campanhas militares, ao mesmo tempo que apresentava uma visão romântica e gloriosa do passado nacional.

Entretanto, a primeira fase de elaboração de significados sobre a trajetória de Manoel Luís Osório, ainda no século XIX, ficou marcada pela ausência de um projeto maior, que pudesse dar conta de seu perfil. Essa tarefa, por assim dizer, estaria prejudicada pela falta de acesso ao acervo de documentos pessoais do general, ainda sob guarda da família Osório.

Essa mesma perspectiva se manteria na publicação de outro texto biográfico, denominado *Osório*, escrito por Roberto Seidl, em 1908.³³ Sócio do instituto, ele escreveu um pequeno texto publicado na RIHGB, em homenagem ao centenário de nascimento do general Osório. A obra utiliza-se, como referência, o primeiro volume do livro biográfico escrito por Fernando Luís Osório, naquele período já publicado, destacando sua trajetória nas forças militares e nas batalhas da qual fez parte. A Guerra da Tríplice Aliança foi elemento central do texto, embora a Farroupilha também tenha sido mencionada. A principal “inovação” da narrativa de Seidl foi a comparação que traçou entre o perfil de Osório e Caxias. Enquanto o primeiro teria sido criado do modo gaúcho, entre peões e soldados, o outro teria convivido entre os núcleos da fidalguia, próprios aos ambientes de Corte. Isso acabou salientando a ideia de que Osório construía melhores relações com os subalternos do Exército, sendo popular entre os soldados, cabos e baionetas.

Em 1958, ainda seria publicado outro texto biográfico na RIHGB, de autoria de Cláudio Ganns, jornalista e historiador ligado ao movimento integralista, intitulado: *Espírito militar e civil do general Osório*.³⁴ Nessa montagem, cuja análise não será aprofundada neste artigo devido ao recorte cronológico adotado, o autor também destaca a proximidade de Osório com os militares subalternos, prática vista como atípica na conjuntura sócio-política do século XIX. Essa postura teria feito dele um líder popular, reverenciado nas ruas do Rio de Janeiro, capital do Império.³⁵

³² LUSTOSA, Isabel. *Dom Pedro I: um herói sem nenhum caráter*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p.21-22.

³³ SEIDL, Roberto. “Osório”. *RIHGB*, Rio de Janeiro, ano 5, n. 51, p. 159 – 171, 1908.

³⁴ GANNS, Claudio. “Espírito militar e civil do general Osório”. *RIHGB*, 1958.

³⁵ Lembra-se que, entre 1877 e 1879, Manoel Luís Osório residiu no Rio de Janeiro, onde exercia os cargos de senador e ministro da Guerra.

Assim como mencionado anteriormente, as menções ao general Osório na RIHGB não ficaram restritos aos textos biográficos. Em uma rápida pesquisa nominal entre os volumes publicados no repositório da revista, é possível identificar número significativo de menções a Manoel Luís Osório. Entre os assuntos que estão em maior número associados a ele, destaca-se o conflito no Paraguai, no qual teve atuação proeminente, recebendo inclusive os títulos de visconde, barão e marquês do Herval. Também é abordada com certa frequência a construção da estátua em sua homenagem, depositada na Praça XV de novembro, no Rio de Janeiro, e inaugurada em 1894. Do ponto de vista militar, seu nome aparece com muita frequência nas ordens do dia das campanhas militares de que fez parte.

No geral, as produções do IHGB e da RIHGB foram elogiosas em relação atuação “profissional” de Manoel Luís Osório. A sua trajetória foi utilizada como uma forma de sintetizar a história nacional, dever que também recaiu sobre o IHGB, ao menos, desde a sua fundação. Com esse propósito, o de destacar os “heróis da nação”, os “grandes vultos pátrios”,³⁶ o IHGB valorizou a imagem do general Osório enquanto ícone político e militar do século XIX.

O material histórico de seu arquivo pessoal, ao ser doado para a instituição, assunto que será melhor discutido no próximo item, retrata o processo que foi chamado de “dispositivo de poder”.³⁷ Ou seja, dentre as relações de poder e de saber, o arquivo serve como instrumento que regula o que deve ou não ser registrado e/ou preservado, atuando como um dispositivo que organiza discursos e memória.

O jogo de tensão entre memória e esquecimento traduziu-se na principal dificuldade dos projetos de memória sobre Manoel Luís Osório.³⁸ Sendo assim, esses projetos de memória ficaram marcados pela seleção dos elementos que deveriam compor a sua imagem, mas também pelos aspectos que deveriam ser esquecidos.³⁹

Desse modo, os projetos de memória elaborados em torno de Manoel Luís Osório revelam não apenas o processo de consagração de um “herói militar” do século XIX, mas também os mecanismos institucionais de seleção, preservação e difusão de determinadas narrativas históricas no interior do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

³⁶ ENDERS, Armelle. “O Plutarco brasileiro”: a produção de vultos nacionais no Segundo Reinado. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 25, 2000, p.47.

³⁷ FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

³⁸ RICOEUR, P. *A memória, a história e o esquecimento*. 8ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

³⁹ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas-SP, Editora UNICAMP, 1990, p.368.

A família Osório e o processo de doação do arquivo general Osório ao IHGB

Os arquivos e as instituições responsáveis pela salvaguarda de acervos documentais têm se tornado objeto de investigação em diferentes áreas do conhecimento. Nas últimas décadas, as práticas de preservação, organização e utilização de documentos sofreram transformações significativas, acompanhando mudanças mais amplas nas formas de compreender a memória e a história. Nesse contexto, as instituições de custódia documental passaram a ser analisadas não apenas como espaços de guarda de documentos, mas também como lugares de produção e mediação do conhecimento histórico.⁴⁰

No caso dos arquivos pessoais, a preservação da memória de um personagem do passado costuma envolver diversos agentes. Desde familiares ou colaboradores próximos — muitas vezes responsáveis pela guarda inicial da documentação — até profissionais especializados, como arquivistas e historiadores, que empregam métodos técnicos para a organização, classificação e conservação dos fundos documentais.

A formação e a preservação desses acervos revelam, portanto, processos sociais de seleção, organização e interpretação do passado,⁴¹ aspectos particularmente relevantes para compreender a trajetória do Arquivo General Osório e sua incorporação ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Desse modo, é necessário destacar que, ainda em vida, Manoel Luís Osório procurou reunir documentos, rememorar passagens de sua vivência em conflitos, difundir histórias familiares entre amigos próximos. Nesse aspecto, mostrou-se sempre preocupado em selecionar e transmitir a posteriori a sua visão sobre as forças militares, assim como dos conflitos dos quais participou ao longo do século XIX. Sabendo disso, não surpreende que, essa organização toda, tenha resultado exatamente na escrita das primeiras “notas históricas” sobre Manoel Luís Osório.

De autoria de Antônio Eleutério de Camargo, o texto, datado de 1872, foi escrito por alguém habituado ao seu convívio. Amigo e compadre, Camargo trocou inúmeras cartas com Manoel Luís Osório, pedindo para que descrevesse momentos importantes de sua trajetória e

⁴⁰ FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

⁴¹ NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire – II: La Nation*. Paris: Gallimard, 1986, p. 2210-2215.

de sua participação nos eventos-chave do século XIX. A obra não chegou a ser publicada, sendo depois recuperada pelo setor de manuscritos da Biblioteca Nacional.⁴²

Além do próprio Osório, outros agentes e instituições se destacaram por projetar a sua memória no cenário nacional. A família Osório, as instituições ligadas ao Exército, como as editoras da Biblioteca Militar e do Exército, e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que não apenas recebeu a maior parte do “Arquivo General Osório”, como também organizou a publicação de quatro textos biográficos, mencionados no item anterior deste artigo.⁴³

O IHGB atuou também na preservação de vestígios e de registros de Manoel Luís Osório, sendo que o material preservado esteve articulado aos projetos de construção e de representação de sua memória.⁴⁴ Antes disso, o arquivo do general Osório permaneceu durante longo período sob posse de sua família. A doação do acervo somente foi concluída depois de mais 35 anos de sua morte. As negociações foram lideradas por sua filha, Manoela Luísa Osório Mascarenhas. Ao que tudo indica, as conversas iniciaram em 1911,⁴⁵ mas a doação completa do arquivo se estendeu por alguns anos.

Em 1915, D. Manoela – naquela conjuntura, a única sobrevivente dos quatro filhos do general Osório – escreveu ao presidente do IHGB, Conde de Affonso Celso, dizendo possuir “a maior satisfação” em “oferecer (...) os direitos” sob o acervo do seu pai, “marechal Manoel Luís Osório, marquês do Herval”.⁴⁶ No entanto, em observação, mencionava que faria a doação, caso o arquivo se comprometesse em:

1º, a conservar, sob sua direta e constante vigilância, os documentos desse arquivo, sem os poder alienar de nenhum modo e por nenhum motivo; 2º, a permitir a mim e aos meus filhos compulsar, copiar, publicar os referidos documentos em qualquer ocasião, sempre que (juizarmos) isso necessário; 3º, a convocar, no próximo mês de maio, os herdeiros do marechal Manoel Luís Osório para de acordo com eles, designar o dia em que com as devidas formalidades, será efetuada a esse instituto a definitiva entrega do mencionado arquivo.⁴⁷

⁴² CAMARGO, Antônio Eleutério de. *Notas Históricas e Biográficas relativas ao general Manoel Luís Osório, marquês do Herval*. In: Sessão de Manuscritos da Biblioteca Nacional. Coleção Benedito Ottoni, [S.I.: s.n.], 1872.

⁴³ Para as características das publicações da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RIHGB), Ver: OLIVEIRA, Maria Glória de. *Escrever vidas, narrar a história. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Tese de Doutorado em História Social, Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2009; GUIMARÃES, Manoel Salgado. *Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional*. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 1: 5-27, 1988.

⁴⁴ OLIVEIRA, Maria Glória de. *Escrever vidas, narrar a história. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Tese de Doutorado em História Social, Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2009.

⁴⁵ Carta enviada por Joaquim Luís Osório ao IHGB, em 1911. RIHGB, Tomo LXXIV, 2ª ed., p.492.

⁴⁶ Vale lembrar que, apesar de ter ficado conhecido pela alcunha de “general Osório”, ele chegou atingiu o ponto mais alto da hierarquia militar do Exército, o posto de marechal, ao final da Guerra da Tríplice Aliança.

⁴⁷ IHGB – Correspondência trocada entre a família Osório e o IHGB, entre 1914 e 1916. Arquivo General Osório Série Documentos Pessoais, DL225.029.

O presidente do IHGB, em resposta a D. Manoela Osório, em 27 de janeiro de 1915, dizia ter sido uma “honra” receber o ofício que o colocava na função de mediador da incorporação do arquivo general Osório ao acervo da instituição. Affonso Celso dizia concordar com as “cláusulas” que a herdeira requeria, salientando que as mesmas já estavam previamente amparadas no estatuto do IHGB.⁴⁸ Ele ainda comentava que havia recebido no ano anterior, em dezembro de 1914, um ofício do neto do general Osório, Dr. Joaquim Luiz Osório, no qual afirmava ser possível doar “dois caixões de documentos”, com a condição deles apenas aparecerem “à luz da publicidade” após a publicação do 2º volume da biografia de seu avô.⁴⁹

Essa é mais uma prova que confirma como a família Osório se preocupou, em primeiro lugar, a instituir uma visão sobre o general Osório. Depois, em um segundo momento, deu início a doação de seu arquivo pessoal. Os “caixões”, com a documentação de Manoel Luís Osório, incorporados ao acervo do IHGB, foram abertos em dezembro de 1916.⁵⁰ A partir de então, passaram pela fase de catalogação e de classificação documental, tarefa que, à época, foi confiada ao Dr. Edgar Roquette Pinto (1884-1954). Intelectual brasileiro nascido no Rio de Janeiro, teve destaque como médico, etnólogo e educador. Membro do IHGB, incumbido da tarefa de catalogação e classificação do acervo do general Osório.⁵¹

A cronologia dos eventos de doação do arquivo do general Osório indica que a família Osório procurou primeiro estabelecer uma narrativa biográfica autorizada, para posteriormente permitir a circulação pública de seu arquivo pessoal. As condições impostas pela herdeira – D. Manoela Luísa –, assim como pelo seu sobrinho – Dr. Joaquim Luiz – revelam que o arquivo não era entendido apenas como um conjunto documental, mas como um patrimônio simbólico da família, cuja circulação deveria permanecer sob seu controle.⁵²

⁴⁸ *Ibid.*

⁴⁹ *Ibid.*

⁵⁰ BN – A Província: órgão do Partido Liberal. 5 de dezembro de 1916, nº 336. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_01&pesq=%22Arquivo%20general%20Os%C3%B3rio%22&pasta=ano%20191&pagfis=35202 Acesso em 11 de março de 2026.

⁵¹ BN – Jornal do Comércio (RJ). 22 de outubro de 1917, nº 294. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_10&Pesq=%22Arquivo%20general%20Os%C3%B3rio%22&id=4334309492609&pagfis=53118 Acesso em 11 de março de 2026.

⁵² POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.º 3, p.3-15, 1989, p.9.

A incorporação do Arquivo General Osório ao IHGB representou, portanto, não apenas a transferência de um conjunto documental para uma instituição de custódia, mas também a institucionalização de uma determinada memória sobre o general. O processo de doação e organização do acervo revela, assim, as negociações entre memória familiar, consagração institucional e produção historiográfica no Brasil entre os séculos XIX e XX.

Considerações finais

A análise do processo de constituição e incorporação do chamado “Arquivo General Osório” ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro permite compreender que a formação de fundos documentais pessoais não se limita a um procedimento técnico de preservação arquivística. Ao contrário, trata-se de um processo histórico marcado por mediações, escolhas e estratégias de construção de memória que envolvem diferentes agentes sociais. No caso do arquivo de Manoel Luís Osório, tornou-se evidente que a família desempenhou papel fundamental na seleção, organização e circulação dos documentos, bem como na elaboração das primeiras narrativas biográficas que contribuíram para consolidar sua imagem pública.

A trajetória desse conjunto documental indica que, antes de sua transferência institucional, o arquivo permaneceu por décadas sob guarda familiar, período no qual foram produzidos projetos memorialísticos e publicações que buscavam fixar determinada interpretação sobre a vida e a atuação política e militar do general. A doação ao IHGB, nas primeiras décadas do século XX, ocorreu, portanto, em um contexto no qual já havia sido estabelecida uma base narrativa sobre o personagem, construída por seus descendentes e articulada a iniciativas editoriais e institucionais.

Nesse sentido, o estudo do arquivo pessoal de Osório permite observar como processos de patrimonialização documental estão frequentemente associados a disputas e negociações em torno da memória histórica. A incorporação desse fundo ao IHGB insere-se também em um movimento mais amplo de constituição de acervos voltados à preservação e interpretação do passado nacional, reforçando o papel da instituição na organização de documentos considerados fundamentais para a escrita da história do Brasil.

Por fim, a análise do percurso do arquivo evidencia a importância de considerar arquivos pessoais não apenas como repositórios de fontes para a pesquisa histórica, mas como



objetos históricos em si mesmos. Ao investigar as circunstâncias de sua formação, guarda e institucionalização, torna-se possível compreender de maneira mais ampla os processos sociais e políticos que orientam a produção, a preservação e a interpretação do passado. Nesse sentido, o caso do arquivo de Manoel Luís Osório contribui para o debate historiográfico sobre memória, arquivos pessoais e instituições de custódia documental, ao mesmo tempo em que reforça a relevância do IHGB como espaço de preservação e construção da memória histórica brasileira.

Referências bibliográficas

- CANDAU, Joël. *Identidade e memória*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CASTRO, Celso. *A invenção do Exército brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. Ed. Ática, São Paulo, 2000, p. 158. Disponível em: http://www.filosofia.art.br/download/Marilena_Chauí-Convite_a_Filosofia.pdf Acesso em: 15 de fevereiro de 2022.
- ENDERS, Armelle. “O Plutarco brasileiro”: a produção de vultos nacionais no Segundo Reinado. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 25, 2000.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- GUIMARÃES, Manoel Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 1: 5-27, 1988.
- Gründling, Guilherme de Mattos. *Guerra, Política e Relações de Poder: a trajetória de Manoel Luís Osório*. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2024.
- KARSBURG, Alexandre. A micro-história e o método da microanálise na construção de trajetórias. In: KARSBURG, A.; WEBER, B.; FARINATTI, L. A. (Orgs.). *Micro-história, trajetórias e imigração*. [Ebook], São Leopoldo: Oikos, 2015.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas-SP, Editora UNICAMP, 1990.
- LUSTOSA, Isabel. *Dom Pedro I: um herói sem nenhum caráter*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- NEVES, M. S.; LOBO, Y. L.; MIGNOT, A. C. V. Cecília Meireles: *A Poética da Educação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Loyola, 2001.
- NORA, Pierre. Les lieux de mémoire – II: La Nation. Paris: Gallimard, 1986.
- OLIVEIRA, Maria Glória de. *Escrever vidas, narrar a história. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Tese de Doutorado em História Social, Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2009.
- POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.º 3, p.3-15, 1989.
- RICOEUR, P. *A memória, a história e o esquecimento*. 8ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- SILVA, Cristina Soares de Mello. *Os arquivos pessoais como fonte – reconhecendo os tipos documentais*. Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 2013.

Fontes

- AZEVEDO, Manoel Duarte Moreira de. “Parecer da comissão de estatutos e redação da revista acerca da inclusão do marquês do Herval, depois de falecido, entre os sócios do IHGB”. *RIHGB*, Rio de Janeiro, Tomo 42, 1879.
- BN – *A Província: órgão do Partido Liberal*. 5 de dezembro de 1916, nº 336. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_01&pesq=%22Arquivo%20general%20Os%20C3%B3rio%22&pasta=ano%20191&pagfis=35202 Acesso em 11 de março de 2026.
- BN – *Diário Fluminense (Império do Brasil)* – Edição de n.º 89, 15 de outubro de 1825, p.1-3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=706744&Pesq=%22Silva%20Borges%22&pagfis=920>

Acesso em: 21 de maio de 2022.

BN – *Jornal do Comércio (RJ)* – 22 de outubro de 1917, nº 294. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_10&Pesq=%22Arquivo%20general%20Os%20c3%b3rio%22&id=4334309492609&pagfis=53118 Acesso em 11 de março de 2026.

Carta enviada por Joaquim Luís Osório ao IHGB, em 1911. *RIHGB*, Rio de Janeiro, Tomo 74.

Correspondência trocada entre a família Osório e o IHGB, entre 1914 e 1916. Arquivo General Osório, Série Documentos Pessoais, DL225.029.

CAMARGO, Antônio Eleutério de. *Notas Históricas e Biográficas relativas ao general Manoel Luís Osório, marquês do Herval*. In: Sessão de Manuscritos da Biblioteca Nacional. Coleção Benedito Ottoni, [S.I.: s.n.], 1872.

GANNES, Claudio. “Espírito militar e civil do general Osório”. *RIHGB*, 1958.

LANDGRAF, Saulo Freire. Princípios Kantianos da liderança de Osório, um tarimbeiro por excelência. *Revista Científica Fundação Osório*, v.4(1), 2019.

SEIDL, Roberto. “Osório”. *RIHGB*, Rio de Janeiro, ano 5, n. 51, p. 159 – 171, 1908.

VEIGA, Luis Francisco da. “Elogio histórico do general Manoel Luis Osorio, marquês do Herval, determinado por uma resolução do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”. *RIHGB*, Rio de Janeiro, Tomo 42, 1879.

MELO, Francisco Inácio Marcondes Homem de. “Notas históricas sobre o general Manuel Luís Osório, Marquês do Herval”. *RIHGB*, Rio de Janeiro, Tomo 64, v. 104, p. 87-89, 1901.

OSÓRIO, Fernando Luís. *História do General Osório*. Rio de Janeiro: Tipografia de G. Leuzinger & Filhos, 1º volume, 1894.

OSÓRIO, Luís Joaquim e OSÓRIO, Fernando Luís. *História do General Osório*. Pelotas: Tipografia do Diário Popular, 2º volume, 1915.